

QUINTA-FEIRA / 19 JULHO / 2018 WWW.ARQUIDIOCESE-BRAGA.PT



IGREJA *Viva*

ROTEIRO

**TURISMO
RELIGIOSO**

P. 04-05

BREVES

ONGs propõem estatuto de refugiado para vítimas das alterações climáticas

A Oxfam, em cooperação com a Fundação por Causa, apresentou esta semana uma proposta com medidas alternativas às políticas migratórias europeias que envolvam os países de origem, países de destino e pessoas migrantes. O objetivo é assegurar a protecção a pessoas obrigadas a deslocar-se e que ficam de fora das convenções para refugiados, como é o caso das vítimas das alterações climáticas. O documento defende ainda a necessidade de otimizar o impacto das migrações no desenvolvimento, através de quotas que beneficiem determinadas regiões, do uso produtivo das remessas ou do envolvimento dos especialistas em desenvolvimento na definição das políticas migratórias.



Igreja critica "manipulação" social geradora de hostilidade contra refugiados

Os responsáveis pela pastoral dos migrantes e refugiados na Europa criticaram a "crescente politização" e "manipulação" da opinião pública. "Comunicar acerca da mobilidade humana, e todos os seus dramas, mas também aquilo que tem de belo e de rico, deve ser encarado como uma missão crucial da Igreja Católica", referiram os bispos e delegados deste sector, durante o encontro do Conselho das Conferências Episcopais da Europa. "A migração não é apenas um assunto económico, social, demográfico, cultural e político" e ao passar essa mensagem "o resultado é evidente: as pessoas esquecem o direito inalienável que cada pessoa tem à sua dignidade".



OPINIÃO

Olhares - 5



JOÃO AGUIAR CAMPOS

PADRE

A viagem de autocarro foi demorada e deu, por isso, para uma longa conversa. Longa e diversificada. Foram, de facto, muitos os assuntos abordados: memórias comuns, percursos distintos, olhares francos, divergências

Ora foi, precisamente, em torno dessas descuidadas perdas que nos detivemos — enumerando oportunidades desvalorizadas, encontros adiados, (a) braços por dar, declarações por fazer, desculpas por apresentar, perdões por consolidar. Enfim, mesas cheias de restos na presa de um "tenho de ir".

Que no fim da viagem, cada um de nós admitiu, com franqueza transparente, que tem uma ou duas coisas por resolver, antes do último e definitivo carimbo no passaporte da vida!...

À noite, na solidão da casa, re- vi tudo, como se tivesse uma *box* televisiva intimamente incorporada, guardando a programação das horas ocupadas ou distraídas. Formulei, en-

cer, esticando-se da casa ao trabalho; dos filhos aos netos; dos amigos aos necessitados... E ainda sobram boas fatias para respirar fundo e crescer na leitura e meditação, tal como nesses monólogos conosco, em manhãs de retiro.

Pelo contrário, se a indiferença pelo outro nos domina, estamos permanentemente ocupados e atrasados — e até vemos na agenda algo que ali não consta: "Acho que nesse dia tenho qualquer coisa... Depois telefone-te". Sendo que "depois" significa exactamente no dia de S. Nunca à Tarde...

O tempo "arranja-se" quando o coração pede e determina: "Vou ver se dou uma volta nisto e organizo a minha vida; mas, sim, conta comigo!"



respeitosas, convergências alegres e fundamentais. Falámos tanto, que até falámos do tempo. Não da meteorologia, que entra em quase todas as conversas — "Está um dia lindo"... "Esta chuva mata-me"... "Não me dou nada bem com o calor" — mas do tempo cronológico, cuja falta tanto lamentamos, mesmo quando o desperdiçamos como sobra descuidada ou água fugida em dedos mal fechados.

tão, o propósito de uma relação nova com o tempo!...

Sim; sei que vai levar tempo. Passo fundamental é deixar de o medir em segundos, olhando o pulso. Quero, decididamente, que o meu relógio seja a ternura, que frutifica na disponibilidade que só o coração consegue.

Quem não o sentiu, ao menos uma vez ou outra?...

Desse momento ímpar ergue-se uma certeza: os minutos de quem ama parecem cres-

O tempo é como o espaço: ganha-se arrumando melhor e/ou deitando fora o lixo acumulado: devoções que ferem as obrigações; penduricalhos e manias; gostos que afetam as verdadeiras prioridades. Quando estas — as verdadeiras prioridades — forem lucidamente estabelecidas, o essencial faz-se e não correremos o risco de um grave e frequente pecado: viver cansados, sem termos cumprido o dever!

OPINIÃO

Meu querido mês de Agosto



JORGE VILAÇA

PADRE

1 Chega o mês de Agosto, mas só é Verão numa parte do mundo. Noutra parte, é tempo de trabalho e de chuvas. Ainda assim, para nós, este mês faz aparecer os emigrantes espalhados pelo mundo. Chegam atraídos pelo calor do verão, pelo sabor da comida, pela frescura do Atlântico, pelas fontes da interioridade, pelo conforto das raízes e pelas festas da aldeia. A que lhes sabe essa saudade durante os outros meses? Porque regressam às ruas que os viram nascer? Partiram na esperança de construir um sonho a cores. Muitos conquistaram, com suor e lágrimas, uma nova língua, uma nova casa, um novo trabalho, uma nova família e amigos, e, algumas vezes, uma nova forma de religião. Re-



fizeram a vida e refizeram-se. Uns regressam “à francês” mas carregadinhos de português. Outros, filhos daqueles, chegam como quem espregueira por um buraco da fechadura à procura dos segredos de que ouviram falar vezes sem conta. Chega também a geração que gagueja quando se lhes pergunta de onde são. Chega, agora,

por fim, a família dos “doutores e engenheiros”, rastreando o que sobrou da última tempestade epocal que lhes arrasou uns sonhos e lhes proporcionou outros horizontes.

2. Pensando nos emigrantes, recordo a arte de “fazer” uma mala para partir por muito tempo. Abre-se a mala e logo nos damos conta que tudo o que temos é tanto! Tão demais para uma partida! Vamos colocando em pequenos “montes” o que quereríamos que fosse; o que deveríamos levar; o que é suposto levar; o que suportamos carregar; o que é possível que vá... E amontoamos pedaços (restos) de vida. Quando terminamos essa delicada renda de bilros, (in)satisfeitos, aparentemente tudo está pronto. E vamos! Com a sensação de que esquecemos algo. Com rodeios mas sem demoras, fazemos aquela saudação dolorosa aos mais próximos porque há uma pressa conveniente no embarque. E o tempo das viagens ganha um irreconhecível silêncio. Chega-se a todos os destinos com demasiado peso; aliás, arriscando pagar excesso de bagagem. Disse-nos o Homem Total que tão pouca coisa é necessária, que os lírios do campo não semeiam nem ceifam e nada lhes falta! Mas falta aos que partem por muito tempo. A quem parte faz falta exactamente a alma que deixou. E trocaríamos, num ímpeto, a mala pela alma. Fazer a alma e a mala é bom para nascer de novo!

3. Um estudo publicado por um jornal americano revela que um quarto das pessoas com mais de 55 anos, que cresceram com pouco acesso à televisão a cores, sonham (quando dormem) a preto-e-branco. Pessoas que sonham sempre monocromaticamente porque o mundo que televisionaram não tinha cores. Estudos que valem o que valem, obviamente, mas que toleram outras perguntas. Sonham a cores as pessoas que nunca tiveram necessidade e/ou oportunidade de sair da sua terra? É a cores que sonhamos uma Igreja em saída? Com que cores sonham os que mudam de trabalho, de paróquia, de país? Com que cores sonham os 68,5 milhões de refugiados ou deslocados por causa de conflitos ou perseguições em todo o mundo? Quem nunca teve direito a férias, sonha a cores? Agosto é bom para nascer de novo.

OPINIÃO

Piscinas das Marés



PEDRO CRUZ

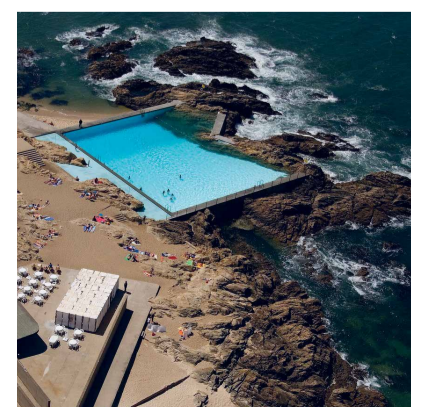
ARQUITECTO

As Piscinas das Marés são a nossa praia porque a esta obra inicial de Álvaro Siza (Matosinhos, 1933-...) vão dar todas as nossas aspirações arquitectónicas últimas. Nas Piscinas das Marés (1966) encontramos tudo o que alguma vez quisemos da arquitectura – espaço de apropriação da natureza, domado o Mar Atlântico que banha as rochas e a areia da costa de Leça da Palmeira; matéria de mediação do corpo, sensível ao claro-escuro, à rugosidade, aos odores e sabores e barulhos da maresia; carga da simbólica da cultura, nacional e universal. Este foi o primeiro projecto de Siza depois de sair do escritório de Fernando Távora em 1958, mestre de quem tinha apreendido a tensão entre a aspiração moderna e a tradição clássica.

Localizado muito próximo das Piscinas, no projecto da Casa de Chá da Boa Nova (1963), a cobertura inclinada em telha sobre o volume caído aparece sobre as rochas apenas depois de sermos conduzidos numa *promenade* jocosa: do estacionamento automóvel com vistas amplas sobre a marginal e a praia de onde vínhamos; através de escadas que começam a revelar o embasamento de entrada; através de escadas que nos obrigam a serpentear e a ver colocado diante de nós, como linha de horizonte, apenas o mar e o céu; até à entrada, depois do corte estabelecido com a cidade e da ligação estreita à natureza, sob o telhado como alpendre acolhedor. O telhado é suportado por estrutura de madeira com trabalho complexo e detalhado que se estende às carpintarias e pavimentos interiores. A *promenade* prolonga-se pelo interior porque o volume não se assume como bloco autónomo do solo mas pelo contrário encontra-se

com a topografia rochosa num interior que desce através de patamares e escadas. O espaço interior volta-se para o exterior através de amplos envidraçados em caixilharias fixas e guilhotinas que desaparecem em panos que descem para o solo.

Reconhecemos os mesmos princípios nas Piscinas, desenvolvidos em subtilidade e mestria. A entrada processa-se segundo um movimento de descida por uma rampa que nos afunda entre muros de betão armado à vista, deixando para trás o mundo que trazíamos connosco. Entramos para os vestiários debaixo da tensão causada pela laje de cobertura que estabelece um pé-direito muito baixo mas que ao mesmo tempo se suspende sobre a estrutura de madeira deixando um vazio à altura do olhar; o tabuado de madeira faz o desenho integrado da estrutura e da compartimentação das cabines e dos corredores; a madeira tem o acabamento de protecção de resina queimada que lhe confere um tom negro, retira a cor e a luminosidade, extremando o jogo do claro-escuro numa quase cegueira, impondo-nos um tempo de readaptação a um mundo novo. À saída de volta ao exterior, muros de betão barram ainda as vistas de mar e determinam o percurso, que passa sob um pórtico que parece definir um pequeno átrio. A transição para o areal é através de plataformas que se impõe sobre as rochas até ao tanque principal se encher com as águas salgadas das marés. Marés que vão e vêm, parecendo trazer também ares de outros mares, da arquitectura do Oriente que havia encantado Wright e Távora, repropoando um reencontro com os banhos públicos que desde a Península romanizada haviam marcado o nosso ser.



ROTEIRO

TURISMO RELIGIOSO

MOSTEIRO DE ALCOBAÇA (REAL ABADIA DE SANTA MARIA DE ALCOBAÇA)

A Abadia de Santa Maria de Alcobaca foi fundada em 1153, ainda antes de Portugal completar dez anos como um país completamente independente. O Mosteiro de Alcobaca começou a ser construído apenas em 1178 – ainda no reinado de D. Afonso Henriques –, pelos monges da

Ordem de Cister, tornando-se uma das maiores abadias cistercenses, com mais de 100 metros de comprimento e cerca de 20 metros de altura. É a primeira experiência do gótico em Portugal. A arquitectura deste monumento nacional, desprovido, no interior, de decoração e de imagens, apresenta uma grandiosidade e beleza indiscutíveis. As naves central e laterais, são praticamente da mesma altura, dando a sensação de amplo espaço, ajudada por uma iluminação ainda românica. As naves laterais prolongam-se pelo deambulatório, e da abside irradiam nove capelas. É neste mosteiro que se encontram os túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro, os protagonistas da que provavelmente é a mais conhecida e trágica história de amor dos quase oito séculos da monarquia portuguesa.



PODE AINDA VISITAR

Perto (1 hora ou menos de viagem): a oeste fica a Nazaré, onde está a famosa Praia do Norte, à qual vão ter as ondas gigantes resultantes do Canhão da Nazaré. Poucos kms abaixo da Nazaré temos a Praia de São Martinho do Porto, numa baía natural. A este está o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, com o complexo de grutas de Mira de Aire. Poucos kms a norte de Alcobaca encontramos ainda o Mosteiro da Batalha e o Santuário de Fátima.





CONVENTO DE CRISTO

DE TOMAR



PODE AINDA VISITAR

Perto (1 hora ou menos de viagem): o Castelo de Almourol, o Museu Nacional Ferroviário (Entroncamento) e a Albufeira da Barragem de Castelo de Bode (praias fluviais de Alverangel, Montes e Castanheira), que banha diversas terras outrora controladas pela Ordem dos Templários.

A construção deste conhecido convento também foi iniciada no reinado de D. Afonso Henriques – em 1160 – e está intimamente ligada aos primórdios do reino português e ao papel desempenhado pela Ordem dos Templários na Reconquista da Península

Ibérica aos muçulmanos. O convento foi sendo reconfigurado e expandido nos séculos seguintes até depois da Restauração da Independência, em 1640, o que explica a variedade de estilos – os estilos românico, gótico, manuelino, renascentista e maneirista marcam todos presença. Deste conjunto arquitectónico destacam-se o castelo medieval

e a Charola templária, os claustros quatrocentistas, a igreja manuelina e o convento renascentista. A Charola do Convento de Cristo era o oratório privativo dos Cavaleiros no interior da fortaleza. Tendo como modelo a basílica do Santo Sepulcro, em Jerusalém, é um dos raros e emblemáticos templos em rotunda da Europa medieval.

Mesmo ao lado está a Mata Nacional dos Sete Montes, que era parte integrante do Convento e foi usada pela Ordem de Cristo como área de cultivo e recolhimento. E ainda em Tomar, bem no centro, está uma sinagoga escondida numa das muitas ruas estreitas.

SÉ DE ÉVORA

ÉVORA



Mais conhecida por Catedral de Évora ou Sé de Évora, o seu verdadeiro nome é Basílica Sé de Nossa Senhora da Assunção. A sua construção iniciou em 1186 e concluída em 1250, ficando edificada a maior catedral medieval de Portugal, sem paralelo no resto do país.

É um monumento marcado pela transição do estilo românico para o gótico, com três majestosas naves. Nos séculos XV e XVI, a catedral recebeu grandes melhoramentos, como o coro-alto, o púlpito e o arco da capela de Nossa Senhora da Piedade. Ainda no século XVIII, foi edificada a nova capela-mor, patrocinada pelo rei D. João V. A Sé inclui ainda um Museu de Arte Sacra. De entre as várias peças guardadas destacam-se uma Virgem do Século XIII, o

Báculo do Cardeal D. Henrique e a galeria dos Arcebispos. Este Museu encontra-se instalado no antigo Colégio dos Moços do Coro da Sé, adjacente à catedral. O centro histórico de Évora também está repleto de locais interessantes para visitar. Para além do Templo Romano de Évora – conhecido como Templo de Diana – há ainda a Capela dos Ossos, na Igreja de São Francisco, e o Jardim Público de Évora, com estátuas, ruínas históricas e uma zona infantil.

PODE AINDA VISITAR

Perto (1 hora ou menos de viagem): em Vila Viçosa tem o Santuário de Nossa Senhora da Conceição, (ou Solar da Padroeira de Portugal) e o Paço Ducal de Vila Viçosa, a casa de férias dos reis da Dinastia de Bragança - desde a Restauração da Independência, em 1640, até ao Regicídio de D. Carlos.



“Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os”

XVII DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

ATITUDE

Celebrar na Esperança

CONCRETIZAÇÃO: Seguir Jesus é a atitude mais assertiva para contemplar a surpresa da abundância e da gratuidade de Deus. Ele surpreende-nos e, na abundância do pão que se pode partilhar, manifesta-se a abundância do amor que tudo cria para saciar as nossas fomes. Esta universalidade do amor salvífico de Deus pode ser representado num arranjo floral circular, contendo no centro água, pequenos pães e uvas, para evidenciar a centralidade da Eucaristia, como alimento fundamental para os cristãos.



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I 2 Reis 4, 42-44

Leitura do Segundo Livro dos Reis

Naqueles dias, veio um homem da povoação de Baal-Salisa e trouxe a Eliseu, o homem de Deus, pão feito com os primeiros frutos da colheita. Eram vinte pães de cevada e trigo novo no seu alforge. Eliseu disse: “Dá-os a comer a essa gente”. O servo respondeu: “Como posso com isto dar de comer a cem pessoas?”. Eliseu insistiu: “Dá-os a comer a essa gente, porque assim fala o Senhor: «Comerão e ainda há-de sobrar»”. Deu-lhos e eles comeram, e ainda sobrou, segundo a palavra do Senhor.

Salmo responsorial

Salmo 144 (145), 10-11.15-16.17-18

Refrão: Abris, Senhor, as vossas mãos e saciais a nossa fome.

LEITURA II Ef 4, 1-6

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Efésios

Irmãos: Eu, prisioneiro pela causa do Senhor, recomendo-vos que vos comporteis segundo a maneira de viver a que fostes chamados: procedei com toda a humildade, mansidão e paciência; suportai-vos uns aos outros com caridade; empenhai-vos em manter a unidade de espírito pelo vínculo da paz. Há um só Corpo e um só Espírito, como há uma só esperança na vida a que fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só Baptismo. Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, actua em todos e em todos Se encontra

EVANGELHO Jo 6, 1-15

Evangelho de Nosso Senhor Cristo segundo São João

Naquele tempo, Jesus partiu para o outro lado do mar da Galileia, ou de Tiberiades. Seguiu-O numerosa multidão, por ver os milagres que Ele realizava nos doentes. Jesus subiu a um monte e sentou-Se aí com os seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, a festa dos judeus. Erguendo os olhos e vendo que uma grande multidão vinha ao seu encontro, Jesus disse a Filipe: “Onde havemos de comprar pão para lhes dar de comer?”. Dizia isto para o experimentar, pois Ele bem sabia o que ia fazer. Respondeu-Lhe Filipe: “Duzentos denários de pão não chegam para dar um bocadinho a cada um”. Disse-Lhe um dos discípulos, André, irmão de Simão Pedro: “Está aqui um rapazito que tem cinco pães de cevada e dois peixes. Mas que é isso para tanta gente?”. Jesus respondeu: “Mandai-os sentar”. Havia muita erva naquele lugar e os homens sentaram-se em número de uns cinco mil. Então, Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os aos que estavam sentados, fazendo o mesmo com os peixes; e comeram quanto quiseram. Quando ficaram saciados, Jesus disse aos discípulos: “Recolhei os bocados que sobram, para que nada se perca”. Recolheram-nos e encheram doze cestos com os bocados dos cinco pães de cevada que sobram aos que tinham comido. Quando viram o milagre que Jesus fizera, aqueles homens começaram a dizer: “Este é, na verdade, o Profeta que estava para vir ao mundo”. Mas Jesus, sabendo que viriam buscá-l’O para O fazerem rei, retirou-Se novamente, sozinho, para o monte.

REFLEXÃO

Deus vive na sua morada santa, Ele prepara uma casa para o pobre. É a força e o vigor do seu povo.

Salmo 67, 6-7.36

O Décimo Sétimo Domingo (Ano B) convida-nos a reflectir sobre o significado da Eucaristia: Jesus Cristo revela-se como o pão da vida eterna a partir de uma fome corporal e de um pão da vida quotidiana. A celebração da Eucaristia exige que os crentes, à semelhança de Deus, a traduzam em iniciativas que se encarreguem de toda a espécie de pobreza. Fazemo-lo em nome de Deus, nossa “força e vigor”. Não é possível compreender o sentido profundo da Eucaristia sem um compromisso de solidariedade com as diferentes formas de necessidade e fome da humanidade.

“Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os”

Neste e próximos domingos, interrompe-se a leitura do Evangelho segundo Marcos: proclama-se o capítulo sexto do Evangelho segundo João, uma catequese sobre a Eucaristia, pão da vida, que começa com o sinal da multiplicação dos pães e dos peixes. A narração está pensada em chave eucarística: os destinatários deste relato já celebram habitualmente a fracção do pão, páscoa semanal dos cristãos, desde o momento em que Jesus Cristo viveu a Última Ceia com os discípulos. Os verbos que o evangelista usa descrevem acções em perfeito paralelismo com os gestos que mais tarde fará na Última Ceia: “Jesus tomou os pães, deu graças e distribuiu-os”. Três verbos que nos recordam a

Eucaristia. “Estes três verbos também podem fazer da minha vida, da nossa vida, um evangelho, um sacramento: acolher, dar graças, repartir. Nós não somos os proprietários, os donos das coisas. [...] Nunca seremos felizes, se não aprendermos a acolher e a bendizer: os irmãos, o pão, Deus, a vida, a beleza; e, depois, a partilhar. Acolhimento, bênção e partilha, e sentiremos dentro de nós três fontes de felicidade” (*Ermes Ronchi*).

A Eucaristia, como pão da vida, é o grande alimento da nossa vida interior, que nos leva a convertermo-nos, do mesmo modo, em alimento para os outros. Aliás, não se trata só de saciar a fome corporal mas, e sobretudo, a fome de Deus. É o registo da fé, da relação com Deus, que nos há de mover a participar na missa dominical. E, da mesa eucarística, há de surgir a caridade fraterna, fonte de esperança e salvação.

Celebrar na esperança

Não nos podemos limitar a ver neste relato apenas um facto prodigioso e admirável, mas a grande lição de procurar saciar as necessidades do ser humano para crescer com dignidade. Na Eucaristia, de facto, Jesus Cristo globaliza a solidariedade e oferece-se para saciar todas as nossas fomes. Ele, feito Eucaristia, é o pão que se multiplica permanentemente para nos dar a todos o pão de cada dia e, ao mesmo tempo, é o sinal que nos estimula a partilhar o nosso pão, tudo o que somos e temos, com aqueles que necessitam... Só assim podemos celebrar na esperança!

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.net

u-os”



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações próprias do XVII Domingo do Tempo Comum (*Missal Romano*, 411).

Prefácio: Prefácio dos Domingos do Tempo Comum X (*Missal Romano*, 485)

Oração Eucarística: Oração Eucarística III (*Missal Romano*, 529ss).



VIVER NA ESPERANÇA

A Eucaristia envia-nos para a missão: somos convidados a viver na lógica do dom, da generosidade, da partilha. Uma vez que é na família que este dinamismo se experimenta e ganha sentido, vamos procurar, em casa, ter tempo para escutar e falar, de tal forma que a partilha do pão do quotidiano multiplique e intensifique o amor.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** Deus vive na sua morada santa (F. Santos, IC 427 / NRMS 38)

– **Comunhão:** Formamos um só corpo (CPD 225)

– **Pós-Comunhão:** Pelo Pão do teu amor (IC 524 / NRMS 2-II)

– **Final:** Deus é Pai, Deus é Amor (F. Silva, IC 425 / NRMS 90-91)

Elementos celebrativos a destacar

Despertar a Esperança

Introdução ao espírito celebrativo

As multidões procuravam Jesus e escutavam-n'O demoradamente. Jesus, por sua vez, não lhes falava apenas. Como prova do alimento que era a sua palavra, fez com que, tocados pelo Seu amor, os pães se multiplicassem. Procurar a presença de Jesus e segui-l'O de forma autêntica leva-nos a prestar especial atenção e a tudo fazer para saciar as mais diversas fomes daqueles que nos rodeiam. Por isso, somos convidados, quer a escutar Jesus, hoje e aqui, quer a aceitar o dom do Pão que se multiplica até ao fim dos tempos. Eis o alimento para celebrar com esperança!

Enraizar a Esperança

Dinâmica própria do Tempo Litúrgico

1. Ritos de Acolhimento

Os ritos de acolhimento devem suscitar o confronto de cada um de nós com a

sua fome, a sua necessidade, o desejo de se alimentar de Jesus, que se entrega na Palavra e no Seu Corpo. Para isso, poder-se-á fazer um tempo de silêncio mais prolongado no início da celebração.

2. Proclamação da Palavra

[Primeira Leitura] Como se trata de um diálogo, o leitor deve preocupar-se em proclamar de forma expressiva, dando particular ênfase ao reiterado imperativo “Dá-os de comer a essa gente”.

[Segunda Leitura] Apresentar com clareza os três momentos do texto: a introdução de carácter testemunhal, que deve ser proclamada com empatia; os três imperativos éticos, que devem ser enunciados de forma vigorosa e espaçada; e a reflexão teológica final, que poderá ser lida de forma mais pausada e solene.

3. Comunhão

A acentuação da Eucaristia como alimento, a partir da Liturgia da Palavra escutada, pode suscitar o desejo de comungar sob as duas espécies.

Orientem-se as alfaias e criem-se as condições necessárias para prover à distribuição da comunhão aos fiéis sob as duas espécies.

Partilhar a Esperança

Indicações para a reflexão partilhada na homilia

• Tal como a multidão segue Jesus, também nós somos convidados a um seguimento autêntico, que implique toda a nossa vida: escutar a Palavra de Deus para configurar a nossa fé e comungar das fomes dos irmãos, partilhando o pão partido.

• Esta atitude poderá ser profética para o nosso tempo, tal como foi com Eliseu. Não podemos ficar presos na lógica comercial, mas devemos contemplar a vida de Deus a entregar-se por todos, de forma insistente e reiterada, nas nossas palavras e atitudes.

• Já na carta aos Efésios, reconhecemos que a vida alimentada por Deus tem implicações concretas no nosso modo de proceder com humildade, mansidão e paciência, de sustentar os outros

com amor e de nos empenharmos na construção da unidade pelo vínculo da paz. Todos estes gestos concretos poderão ser fonte de esperança para a nossa vida quotidiana e para colmatarmos tantas “fomes” que nos habitam e nos rodeiam.

Oração universal

Irmãos e irmãs: oremos com fé a Deus Pai, por intermédio de Jesus Cristo, nosso Salvador, pelas necessidades de todas as pessoas, dizendo (ou: cantando), cheios de confiança:

R. Pela vossa misericórdia, ouvi-nos, Senhor.

1. Pelo nosso Arcebispo D. Jorge, pelos seus Bispos Auxiliares, pelos presbíteros e diáconos, pelos acólitos, leitores e catequistas e pelos fiéis que servem a Igreja trilhando os caminhos da esperança, oremos.

(...)

“Jesus tomou os pães,
deu graças e distribuiu-os”

DÉCIMO SÉTIMO DOMINGO
ANO B • 2018



LABORATÓRIODAFÉ

Olive & Noé



SENHORA DA FRANQUEIRA VISITA PARÓQUIAS DE BARCELOS

O Arcebispo Primaz, D. Jorge Ortega, preside, no dia 12 de Agosto, à Eucaristia da peregrinação anual do arciprestado de Barcelos ao Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, este ano com o lema "Com Maria, despertamos esperança". A peregrinação sai às 8h da Igreja Matriz de Barcelos, com chegada às 11 horas.



Antes da peregrinação arceprestal, um andor com a imagem da Senhora da Franqueira vai percorrer as paróquias de Vila Seca, Carapeços e Santa Maria Maior.

Em Vila Seca, a recepção é feita no dia 20, na capela de Santa Maria Madalena. No dia 23 de Julho tem lugar uma conferência sobre o sentido da peregrinação e caminhos de S. Tiago. Já em Carapeços, a recepção acontece às 21h do dia 28 de

Julho, com uma vigília orientada pelo grupo de jovens Kyrios. No dia 4 de Agosto, pelas 21h45, é a vez da paróquia de Santa Maria Maior receber a imagem, seguindo-se a procissão de velas.

NOVO COLÉGIO DE ARCIPRESTES TOMOU POSSE ESTA SEMANA

Tomou posse esta Segunda o novo Colégio de Arciprestes, cuja constituição se aplica durante os próximos cinco anos. O Arcebispo Primaz pediu um "compromisso sério" que apai-xone as pessoas "pela construção de uma Igreja que dê respostas às necessidades de hoje" e destacou a importância das equipas obrigatórias: catequese, liturgia, acção social, pastoral vocacional, jovens e vocações. A estas valências somou ainda a da Comunica-

ção Social, que indicou como "de fácil concretização" através do recurso a leigos. "Ao pedir o pleno funcionamento destas equipas penso, sobretudo, nos leigos que temos ou que importa descobrir. Importa confiar e não solicitar uma simples colaboração mas reconhecer a dignidade baptismal que os corresponsabiliza. Acreditemos e formemos leigos segundo o espírito dos Estatutos e dos principais objectivos a alcançar", sublinhou.

AGENDA Viva

21 JUL

AREAL DE BARCELINHOS
JOGOS DO RIO
14H00

22 JUL

VILA NOVA DE FAMALICÃO
PROCISSÃO DE N. SENHORA DO CARMO
11H00

CARMINHO
SENHORA DO CARMO
LEMENTE - VXF
13 a 22 de Julho

23 JUL

SÉ DE BRAGA
OS MENINOS CANTORES DE PARIS
21H30

FM 101.1 Mhz
AM 576Khz.

Sim
Assim, sim. AM/FM

PROGRAMA

Ser Igreja

Sexta-feira, das 23h00 às 24h00

O programa Ser Igreja entrevista, esta semana, **D. Francisco Senra Coelho**, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Braga.

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

LIVRO DA SEMANA

13,9€

10% Desconto

FERNANDO SAMPAIO

RELAÇÃO PASTORAL DE AJUDA

A vida religiosa autêntica entra dentro do dinamismo oblato de Jesus Cristo e configura-se radicalmente a ele. Como é sabido, toda a vida cristã deve ser oblação agradável ao Senhor e há-de nortear-se pela observância fiel e constante da vontade de Deus. Os religiosos e religiosas, porém, mais do que outros, são chamados a viver intensamente este mistério de comunhão profunda com Deus, mediante a oferta radical das suas pessoas ao Senhor.

Relação Pastoral de Ajuda
Ilustrações de Fernando Sampaio

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 19 a 26 de Julho de 2018.

